

Slam`s, a poesia viva das ruas: entrevista com Emerson Alcalde^{1*}

Cleber José de Oliveira (UFGD)²
Patrícia Marcondes de Barros (UEL)³

As literaturas periféricas e marginais são os objetos de análise e discussão deste dossiê. Por serem expressões artísticas potentes e questionadoras na medida em que lançam luz sobre as mazelas sociais e seus desdobramentos na vida social das populações historicamente subalternizadas, essas poéticas e narrativas vêm ocupando lugar destaque nos debates sobre arte e resitência na atualidade.

Não alheio a isso, nesta segunda edição, os organizadores oportunizam aos leitores da revista Boitata uma entrevista com o *slammer* Emerson Alcalde, visando ampliar e aprofundar o debate público/acadêmico sobre a expressão poética “*Slam*”.

Figura 1 - Performando no Slam da Guilhermina



Fonte: Foto do acervo pessoal do entrevistado

^{1*} O paulistano Emerson Alcalde é poeta *slammer*, escritor, produtor artístico do Slam BR, membro-fundador da WPSO (Organização Mundial de Slam de Poesia, com sede em Bruxelas, na Bélgica), co-fundador do Slam da Guilhermina, e juntos realizam o Slam Interescolar SP, projeto vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Fomento à leitura. É patrono da Academia Estudantil de Letras – AEL Emerson Alcalde, da EMEF Dr. José Augusto Cesar Salgado. Já se apresentou na Venezuela, Argentina, França, Trinidad e Tobago, Canadá, México, Bélgica e Angola. Vice-campeão da Copa do Mundo de Slam de Paris (2014). Autor dos livros: (A) *MASSA* (2011), *O Vendedor de Travesseiros* (2015), *Diário Bolivariano* (2019), *Gênesis* (2020), *Nos corre da poesia – autobiografia de um slammer* (2022) e *O que é Slam de poesia* (2024).

² Professor de literatura brasileira no Programa de Pós-graduação em Letras da FALE (UFGD).

³ Professora no curso de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

O termo “*Slam*” refere-se a algum tipo de campeonato. É muito utilizado na esfera esportiva: Grand Slam de Tênis ou Basketball, por exemplo. Não obstante, na década de 80 do século passado, em Chicago (EUA), Marc Smith transformou uma noite de recital de poesia no primeiro “Poetry Slam” (*Slam* de poesia) ao atribuir imprimir regras e atribuir notas aos recitantes. Surgiu, então, o primeiro campeonato de poesia falada. Smith, o batizou de Grand Slam Poetry.

Em 2008, O *Slam* de poesia chega ao Brasil, mais especificamente em São Paulo, trazido pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos (NBD), o qual criou o pioneiro “Zap! Slam”. Quatro anos depois, em 2012, é fundado o Slam da Guilhermina, tendo como um dos fundadores o professor, *slammaster*, ativista cultura Emerson Alcalde. Estão catalogados 150 coletivos de “*Slam*’s de poesia” presentes em 18 estados brasileiros.

Os *slam*’s brasileiros podem ser compreendidos como uma poética performática de natureza mestiça e diaspórica; fruto direto da potência criativa de sujeitos e sujeitas oriundos das periferias. Sob a égide da coletividade e da herança ancestral, seus produtores (em sua maioria jovens periféricos) explicitam em seus poemas como é (sobre)viver em uma sociedade marcada pela desigualdade socioeconômica e assentada no racismo estrutural. Com efeito, as performances ocorrem ao ar livre e visa (re)ocupar espaços públicos como ruas e praças.

Não obstante, ano após ano os *Slam*’s vêm conquistando maior espaço em salas de aulas e pátios escolares paulistanos, devido a atuação e engajamento direto do nosso entrevistado, registre-se. Nesse sentido, tal expressão poética pode ser compreendida também como um instrumento/recurso que visa a consolidação de uma educação escolar cidadã.

Figura 2 - Atuando na biblioteca escolar



Fonte: Arquivo do acervo pessoal do entrevistado



ENTREVISTADORES: Como e quando a literatura entrou na sua vida? Nos fale sobre a sua produção literária, publicações/organização de livros, os que ainda por ventura estejam no prelo.

ENTREVISTADO: Através do rap quando tinha em torno de 12 anos. Eu ouvia Racionais MC's e transcrevia as letras, depois fui tentando escrever as histórias que eu via na minha rua, assim saiu minhas primeiras letras de rap. Vivi numa casa onde não tinha livros. Morava na casa da minha avó com meus tios e tias, em torno de 10 a 13 pessoas. Não tinha livros e nem silêncio para a concentração na leitura. Foi somente no primeiro ano do ensino médio que li meu primeiro livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. No começo foi uma certa tortura pela falta de prática, estava gostando do conteúdo, da narrativa, mas uma leitura exige esforço e eu não tinha força para prosseguir, mas finalizei e depois passar a praticar esta atividade física e mental e fui através de outros livros. O segundo que li também me impactou se chama “Um homem em fuga”, do Chester Himes. O impacto, ou melhor a identificação se deu pelo ambiente suburbano dos EUA, que vi em filmes e alguns bairros onde as letras de rap também falavam como Harlem, Queens etc.

Publiquei o meu primeiro livro em 2011, uma reunião de poemas e dramaturgias que escrevi durante a vida até aquele período, e dei o título do meu poema mais conhecido nos saraus “A massa”. Depois uma peça que encenei por anos em eventos culturais nas periferias “O boneco do Marcinho”, uma obra infantil, ambos pela editora Edicon. Em 2015 publiquei o “Vendedor de Travesseiros”, pelo selo Maloqueiristas, com poemas que giravam em torno do sonho. Em 2019 escrevi e publiquei o meu primeiro romance com o apoio do edital PROAC – prosa, com o título “Diário Bolivariano”, este saiu pela editora Autonomia Literária, e entrou em alguns clubes do livro pelo Brasil que me possibilitou ser lido por pessoas de cidades e estados da qual não tinha ido, pois os livros anteriores foram independentes e a venda era feita exclusivamente por mim.

Na pandemia organizei os outros poemas que escrevi desde a publicação do segundo livro de poemas e dei o título de *Gênesis*, saiu sem editora ou selo. São poemas bem pessoais, conto em boa parte deles a minha vida em forma de rimas e versos. E ainda na pandemia publiquei aí sim a minha história de vida em paralelo com a história do *slam* “Nos corre da poesia – autobiografia de um *slammer*”, também sem editora, consegui escrever graças a conquista do edital PROAC LAB, histórico em literatura. Estava bem empolgado e sem nada para fazer dentro de casa, a não ser com os afazeres domésticos, escrevi quase 400 páginas. Acredito que seja a primeira autobiografia de um poeta de *slam* da América Latina. No livro conta a minha vida em paralelo com a história do *slam* enfatizando por onde passei, vivenciei e assisti. Estou nessa cena desde seu início no final de 2008 com o ZAP!Slam.

E pós pandemia escrevi um livro mais compacto contando somente a história do *slam* “O que é *slam* de poesia”, pela editora Autonomia Literária e Fala. Este livro fecha a uma coleção onde sou o coordenador/curador que contém agora sete livros, os demais títulos são de poesias de *slammers* das cinco regiões do país dividido por temas: Antifa, Negritude, LGBTQIA+, empoderamento feminino, luta de classes e Protagonismo juvenil. É uma



coleção de livros que se propõe a chegar no público que desconhece esta modalidade literária, mas que conhecem e se identificam com os temas. Estes livros se encontram nas principais livrarias do país.

Organizei uma série de livros como Rede Cultura ZI – coletivos de Ermelino Matarazzo, as antologias do Slam da Guilhermina, já estamos na nossa nona edição. E sete livros do Torneio dos Slams – Encontro Estéticas das Periferias, onde sou o curador do projeto junto a Ação Educativa.

Neste momento estou preparando a terceira edição da “A massa”, organizando e escrevendo novos poemas para o meu quarto livro de poesias e a segunda parte da trilogia bolivariana que possivelmente terá uma linguagem infanto-juvenil.

ENTREVISTADORES: Nos conte como se deu a criação do “Slam da Guilhermina”. E como ele está atualmente.

ENTREVISTADO: Eu frequentava o único *slam* que existia na cidade de São Paulo, provavelmente do país, o ZAP!Slam, do Núcleo Bartolomeu de depoimentos, que ocorria na sede do grupo no bairro da Pompeia. Eu sempre morei na zona leste e atravessava a cidade para ir neste e outros eventos da oralidade como Sarau da Cooperifa e Sarau do Binho, que ocorrem na zona sul. E em 2012 atuando com os coletivos de Ermelino Matarazzo propus a criação de um evento cultural para nos conectar com as diversas periferias da cidade. E criamos o Slam da Guilhermina, em fevereiro daquele ano. Somo so segundo *slam* do Brasil e o primeiro a ser feito na rua. A maioria dos *slams* que vieram depois de nós seguiram este modelo ao ar livre. O evento começou com uma roda pequena de 20 pessoas e conforme o tempo essa roda foi crescendo atingindo 300 e até 400 pessoas em uma noite linda de lua cheia.

O Slam da Guilhermina se consolidou como um ponto de encontro da poesia falada, onde recebemos mensalmente um público cativo se misturando com os que chegam pela primeira vez. Publicamos anualmente um livro com os poemas de cada vencedor das edições mensais. Estamos na nona edição. Somos constantemente convidados para nos apresentar em equipamentos da prefeitura, do SESC, SENAC etc.

ENTREVISTADORES: Na sua ótica, qual a importância dos *Slams* na formação crítica e cidadã dos sujeitos e sujeitas oriundos das periferias?

ENTREVISTADO: As pessoas que chegam no *slam* e não estão conectados com o debate social, racial e de gênero, passa a acessar através da escuta. E ouvimos muitos relatos de pessoas que dizem que foi no *slam* que se politizaram.

Muitas pessoas que não se viam como negras passaram a se reconhecer nas poesias, muitas mulheres jovens que chegaram com os cabelos alisados ou repleto de cremes, e com o tempo foram deixando natural se orgulhando de suas raízes. É preciso enfatizar que não há problema



com alisamento por exemplo se foi uma escolha e não uma imposição da sociedade. Enfim, fazemos este e outros debates.

Essas discussões vêm através das poesias, mas também das falas dos apresentadores que trazem questões pertinentes sobre política. Lembrando sempre do caráter coletivo para não cairmos na lógica da competição neoliberal.

ENTREVISTADORES: É sabido que a cultura popular oriunda das periferias nacionais é potente. Nesse sentido, em que medida essa cultura influenciou/influencia sua trajetória social e artísticas?

ENTREVISTADO: Foi na periferia que me formei um cidadão crítico e com consciência de classe. As formas de organização das escolas de samba me influenciaram, as posses de Hip-Hop dos anos 90 me influenciaram, as redes de teatro de grupo me influenciaram.

ENTREVISTADORES: Você tem desenvolvido um trabalho relevante nas escolas de São Paulo a partir das batalhas de poesia (Slam interescolar). Poderia nos falar mais sobre como tem sido isso.

ENTREVISTADO: Quando retornei ao Brasil após ter participado da Copa do Mundo de Slam de Paris e ter ficado em segundo lugar, fiquei motivado a fazer *slams* nas escolas, pois no primeiro dia deste evento Grand Poetry Slam, ocorre o Slam Interescolar Parisiense, fui trabalhar como coordenador de cultura do CEU Três Pontes e lá desenvolvi o Slam Intersalas. Em paralelo a Cristina Assunção, também tinha ido para França, realizou *slams* mensal na escola onde lecionava história, o Colégio La Salle.

E o coletivo Slam da Guilhermina teve a ideia de realizar o Slam Interescolar SP, a princípio seria com as duas escolas, mas de última hora abrimos e fizemos com 4 unidades escolares. E a partir de então passamos a realizar este torneio anualmente desde 2015. Criamos uma metodologia na qual chamamos de “poeta-formador”. São *slammers* que selecionamos e estes passam por um ciclo formativo e são distribuídos em escolas para ministrarem oficinas e acompanhar os *slams* escolares.

Cada escola realiza pelo menos uma edição da batalha de poesia e envia um representante que passa por uma seletiva online e os vinte melhores colocados por categoria, ensino fundamental 2 e ensino médio, participam da grande final em um teatro no centro de São Paulo. Ano passado atendemos mais de 300 escolas do estado de São Paulo, incluindo além da capital, a grande São Paulo, o interior e litoral.

Este projeto vem modificando a rotina escolar e empoderando os jovens. Trabalhamos com diversos assuntos como racismo, feminismo, luta de classes, saúde mental, tudo através da poesia. Alguns destes alunos após passar por este processo entraram na USP e Unicamp. Relatam que antes não gostavam de estudar, mas para participar das batalhas tiveram que ler,



que estudar mais e hoje não necessariamente fizeram letras ou artes. Muitos foram para outras áreas como história, nutrição etc.

ENTREVISTADORES: Sua contribuição no debate público tem ocorrido de diversas formas e em várias frentes: textos, livros, o Slam da Guilhermina, as batalhas interescolares de poesia. Não obstante, você também tem sido constantemente convidado para palestrar em eventos acadêmicos realizados por grupos de professores-pesquisadores de universidades públicas e privadas. Tendo isto em vista, na sua ótica, qual a importância do diálogo colaborativo entre esses dois mundos: o acadêmico e o artístico-periférico?

ENTREVISTADO: Para mim tem sido muito saudável. Quando fui pela primeira vez na USP debater este assunto confesso que fiquei bem apreensivo, mas fui surpreendido com o professor da FFLCH que nos elogiou e fez diversos apontamentos das contribuições dos *slam* para o mundo das letras acadêmicas. E ainda foi no evento que fiz a curadoria no Sesc Pinheiros com um *slam* do Brasil, o 13, e um grupo de poetas da Argentina, o Poesia Estéreo. Tenho uma boa relação com a professora Cynthia Agra, da UNICAMP, da área da linguística aplicada, acredito que fui o primeiro autor periférico do *slam* brasileiro que ela teve contato e a partir da minha entrevista ela criou um artigo que acredito que seja um dos mais citados e lidos “Letramentos Literários De Reexistência Ao/No Mundo Contemporâneo”.

Outra grande ponte que temos é com a UFRJ, com o professor Ary Pimentel, ele nos cita frequentemente e em suas aulas falando da importância do nosso trabalho, sempre com muito respeito e nos colocando lá no alto. Sinceramente, nem consigo falar mais mal da academia (risos).

Em ambos os casos, tanto de Campinas quanto do Rio de Janeiro, os alunos de mestrado e doutorado destes professores nos acompanham, produzem textos, artigos, matérias. Na minha experiência esta relação tem sido muito saudável.

Referências:

ALCADE, E. **Nos corre da poesia:** autobiografia de um slammer. São Paulo: Independente, 2022.

GUILHERMINA, S. **Manual para criação de um slam de poesia na sua escola.** São Paulo: Coletivo Slam da Guilhermina e Prefeitura de São Paulo, 2023.

